



MULHERES, DEPENDÊNCIA QUÍMICA E A EXPERIÊNCIA DE INTERNAÇÃO POR USO DE DROGAS.

Gustavo Prudente de Miranda¹, Mariana do Nascimento², Flávio Alves da Silva³

1. Estudante - curso de Psicologia; e-mail: gustavo_prudente_7@hotmail.com;
2. Estudante - curso de Psicologia; e-mail: mariana.nascimentopsi@outlook.com;
3. Professor – UMC; e-mail: flaviosilva@umc.br

Área de conhecimento: Psicologia.

Palavras-chave: Drogadição; Reabilitação; Mulheres; Gênero; Estigma.

INTRODUÇÃO

Na atualidade, a dependência química é uma condição de estigma social. O uso de drogas em si, é uma prática milenar, e os debates quanto ao fenômeno são os mais variados. Legalmente, a criminalização das drogas é um fator de marginalização de sujeitos. Sob o ponto de vista fenomenológico-existencial, o uso de drogas é inerente à condição humana, que surge como um enfrentamento de uma existência fragilizada. A luta antimanicomial proporcionou o debate dentro das instituições de saúde, e a reforma psiquiátrica surge dentro desse cenário, onde alternativas, como a redução de danos, passa a ser possível para o tratamento da drogadição, mitigando as políticas manicomiais, até então vigentes. Se tratando da dependência química na população feminina se dá de maneira diferente, aumentando as possibilidades de estigma e invisibilizando a especificidade das mulheres. No processo de internação, esses estigmas surgem com maior intensidade, o que abre o debate sobre a desigualdade de gênero nesses espaços.

OBJETIVOS

Este estudo teve como objetivo geral analisar e discutir a experiência de mulheres internadas para tratamento da dependência química; e como objetivos específicos a) desvelar sentido nas experiências vividas por mulheres em processo de dependência química que vivenciaram internações; b) identificar e analisar as possíveis dificuldades e desafios vividos no ambiente de internação; e c) identificar, analisar e discutir outras modalidades de atendimento associadas ao tratamento da dependência química.

METODOLOGIA

Trata-se de pesquisa de abordagem qualitativa, do tipo exploratória e descritiva, que se utilizará da metodologia da História Oral de Vida, conforme o proposto por Meihy (1991). Participaram deste estudo, 10 mulheres que experienciaram a internação como tratamento para a dependência química. Foram realizadas entrevistas abertas e em profundidade e partir de uma questão disparadora, as entrevistas foram gravadas, transcritas, entendendo-se por transcrever a passagem fiel do que foi dito para a grafia, posteriormente, o material produzido foi textualizado, transcrito e cartografado, e neste processo marcou-se as palavras-chave que continham a questão da pesquisa e, nos resultados, foram dialogadas com a literatura e as impressões dos pesquisadores.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considerando as Comunidades Terapêuticas (CTs) como instituições totais, que para Goffman (2001), são instituições asilares e de trabalho, onde se abrigam pessoas com situação semelhante, separados da sociedade geral, e passam por uma vida regrada e administrada de modo formal. Através dos resultados obtidos, observou-se a presença de ações condizentes com a violência institucional, que se trata de qualquer violência, por ação ou omissão, praticada por órgãos públicos ou privados, estes que têm por papel fundamental o cuidado, proteção, e defesa dos cidadãos (MELO; MOURÃO; LADEIA, 2016). Quando se trata de administração privada, onde a obtenção de capital, mesmo que implícita, existe, o resultado pode ser a de comercialização de um problema social, que passa a ser lucrativo. Segundo Costa (2017), às luzes de Foucault, a proposta neoliberal se trata justamente de um projeto de transformação da subjetividade dos sujeitos. O conceito proposto por Goffman (2001) de “mortificação do eu” se trata da perda de identidade própria, dando lugar a processos padronizados da instituição. É observável nos relatos coletados a ocorrência do fenômeno, que nem sempre é percebido por quem o vivencia. Algumas mulheres entrevistadas passaram por múltiplas internações, nos mais variados tipos de instituições, que em comum tinham apenas a lógica manicomial e de instituição total. Essas mulheres viveram parcela de suas vidas encarceradas, e às luzes de Foucault (1975 ed. 2014), podemos pensar nisso como um exercício de poder com o objetivo de produzir poder, de moldar um comportamento, educá-las segundo o que é socialmente desejável. Direcionar o presente projeto à população feminina trouxe diversas implicações sobre gênero e evidenciou a atuação do estigma sobre esta população. Tratando-se do consumo de drogas por mulheres e considerando as estruturas de desigualdades de gênero, a depreciação diante essa população se apresenta de maneira ainda mais contundente, o que conseqüentemente legitima a exclusão social e atos preconceituosos contra a população (MEDEIROS; MACIEL E SOUSA, 2017). Os resultados coletados expressam a profunda diferença de experiências envolvendo discriminação acerca do ser mulher e dependente química, quando comparado a população masculina. Culturalmente, o contexto social atribui papéis à figura da mulher que são ligados à maternidade e maternagem, preservação da espécie e habilidade de cuidar da família. Desta maneira, percebe-se que a mulher no contexto de uso de drogas é uma “ameaça social ao modelo de esposa, mãe e de sexualidade” (MEDEIROS; MACIEL E SOUSA, 2017, p. 444). Com os resultados obtidos, notou-se a prostituição como uma maneira da mulher suprir suas necessidades financeiramente, conseqüentemente adquirindo um meio de obter a sua droga de escolha. Neste contexto, a violência discute todo um percurso de mulheres sendo expostas ao poder dos homens, propiciando uma relação mediada pelo corpo, prazeres sexuais e relação de poder relacionada ao dinheiro, aumentando significativamente a tendência destas mulheres sofrerem algum modo de violência (DOURADO *et al*, 2013). Ainda sobre modificações de subjetividades, é comum encontrar mulheres vestidas com trajes masculinos, com o andar e voz menos femininos possíveis”. Neste caso, a prática não se aplica a uma expressão de sexualidade e sim como uma forma de proteção (TIENE, 2004, p. 89 apud COSTA, 2015). Além dos atravessamentos individuais, a dependência química afeta também as pessoas que convivem com os drogadictos, alguns familiares de dependentes químicos participantes da pesquisa realizada por Moraes *et al* (2009) consideram-se dependentes emocionalmente do adicto, além de terem dificuldades em estabelecer limites. A perda total ou parcial de identidade e autonomia são aspectos também mencionados, visto que o familiar pode passar a viver a vida do dependente e os danos envolvidos podem afetar tanto os familiares quanto o próprio dependente químico.



De acordo com Lemes et al (2020), o uso abusivo de substâncias psicoativas pode fragilizar as relações interpessoais, como a perda de contato com a família, aspectos que podem colaborar com o não-comparecimento dos familiares no tratamento da pessoa que se encontra internada. Assim, o assentimento das pessoas que estão em internação é prejudicado, sendo relatada diversas manifestações emocionais, entre elas o sentimento de solidão, abandono e isolamento social. Por fim, é necessário discutir também sobre o que é recuperação, e quais são as possibilidades para que essa proposta seja atingida. O objetivo de qualquer tipo de internação, em qualquer tipo de instituição, é que a pessoa que passa pelo processo de dependência química entre em recuperação e se abstenha do uso de drogas, a intitulada reabilitação, ou seja, habilitar novamente, voltar a um estado anterior. Segundo Ferreira e Marx (2017), o abuso de substância psicoativas é um processo de refúgio quanto a uma frustração existencial, uma fuga de si mesmo. É pretensioso pensar em tornar alguém como era antes, pois se subentende que esse estado anterior fosse o ideal, mas foi exatamente esse ser de antes que levou essas pessoas ao uso de drogas. Sendo assim, o processo de recuperação deve ser o de oferecer escolhas, e não apenas abstinência como única e exclusiva opção, talvez por isso os índices de recaídas e novas internações sejam tão altos, conforme é possível observar na presente pesquisa. Para o tratamento em dependência química não existe uma fórmula correta, afinal, é necessário respeitar as necessidades e subjetividade de cada um, em suas múltiplas dimensões, e, enquanto profissionais de saúde, devemos ter como regra em nossas práticas é a humanidade, a empatia e o cuidado com o outro, se afastando de práticas manicomiais, mesmo que singelas, práticas essas que tenham por intuito docilizar os corpos através da violência, considerando como forma de violência a privação da liberdade e o “oferecer ajuda” que desconsidera o que é próprio do sujeito. Foucault (2014), em sua obra *Vigiar e Punir*, aponta justamente sobre essa nova caracterização da violência, que não mais toca os corpos, e passa a punir justamente privando da liberdade que é um direito e também um bem.

CONCLUSÃO

Foi possível perceber através de falas dos próprios responsáveis das instituições, a reprodução da violência institucional que se sustentam na lógica manicomial. Isto nos leva à reflexão de que embora a redução de danos esteja vigente, ela ainda não saiu do campo teórico, e para isso acontecer e atingir a população que deveria, ainda existe um longo caminho. Observou-se que a ideia de recuperação se mostra equivocada, pois parte do princípio de que aquela pessoa precisa estar controlada, contida, e docilizada, deixando de garantir as singularidades pertinentes ao sujeito. Quando consideramos gênero e somamos ao contexto de dependência química, surge um duplo estigma. Ao considerarmos uma mulher dependente química e negra, há um triplo estigma, representando a infinitude de estereótipos atribuídos a serviço da manutenção de poder do homem. Assim, considera-se que os objetivos da pesquisa foram atingidos integralmente, pois foi possível entender a realidade dentro das instituições de internação e a experiência dessas mulheres, traçar algumas das dificuldades encontradas por elas, e sintetizar possíveis alternativas ao tratamento da dependência de psicoativos. Porém, por se tratar de uma população reduzida, o estudo não permite generalização, neste sentido, sugere-se a realização de novos estudos abordando a temática.

REFERÊNCIAS

COSTA, Marta Nunes. (Des)Construindo o sujeito neoliberal a partir de Foucault. **Veritas**. Porto Alegre, v. 62, n.2, mai./ago., p. 354-376, 2017.



REVISTA CIENTÍFICA DA UMC



COSTA, Samira Lima; VIDA, Cindy Pasetti da Costa; GAMA, Isabela Augusta; LOCATELLI, Nathália Tarossi; KARAM, Bruno Jaar; PING, Chao Tsai; MASSARI, Marina Galacini; DE

PAULA, Tailah Barros; BERNARDES, Ana Flávia Martins. Gestantes em situação de rua no município de Santos, SP: reflexões e desafios para as políticas públicas. **Saúde Soc.**, São Paulo, v. 24, n. 3, p. 1089-1102, 2015.

DOURADO, Giovanna de Oliveira Liborio; MELO, Belisa Maria da Silva; SILVA JUNIOR, Fernando Jose Guedes; DE OLIVEIRA, Livia Castelo Branco; MONTEIRO, Claudete Ferreira de Souza; DE ARAÚJO, Olivia Dias. Prostituição e sua relação com o uso de substâncias psicoativas e a violência: Revisão integrativa. *Rev. Enferm. UFPE. Recife*, 7 (esp), p. 1516-21, 2013.

FERREIRA, Flávia Neves; MARX; Roseana Barone. **O vazio existencial em interface com o uso de drogas sob a ótica da logoterapia**, PR, Brasil. Faculdade Sant'ana em Revista, v. 1, p. 86-98, 2017. Acesso em 13 julho de 2021. Disponível em: < <https://bit.ly/3efFPLq> >

FOUCAULT, M. Vigiar e punir: o nascimento da prisão. 42ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2014. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis/, RJ: Editora Vozes, 2014.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, Prisões e Conventos**. Tradução de Dante Moreira Leite. 7ª edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

MEDEIROS, Katruccy Tenório; MACIEL, Silvana Carneiro; SOUSA, Patrícia Fonseca. A mulher no contexto das drogas: representações sociais de usuárias em tratamento. **Paidéia**, v. 27, p. 439-447, 2017.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Canto de morte Kaiowa**: história oral de vida. São Paulo: Loyola, 1991.

MELO, Elza Machado; MOURÃO, Tatiana Tscherbakowski; LADEIA, Priscilla Soares dos Santos. **O silêncio da violência institucional no Brasil**. *Rev. Med Minas Gerais. Minas Gerais*, nº 8, p. 398-401, 2016.

MORAES, Leila Memória Paiva; BRAGA, Violante Augusta Batista; SOUZA, Ângela Maria Alves ORIÁ, Mônica Oliveira Batista. Expressão da Codependência em familiares de dependentes químicos. **Rev. Min. Enferm.** Ceará, 13 (1), jan./mar., p. 34-42, 2009.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos, em primeiro lugar, todas as entrevistadas que colaboraram com a pesquisa e compartilharam conosco parte de suas vidas. Ao Professor Flávio, por despertar entusiasmo de uma maneira tão significativa acerca da Psicologia Social, sendo, para nós, uma referência nesse campo de estudo e um mentor na nossa atuação. As pessoas que facilitaram o acesso a essas mulheres, o que foi fundamental para o trabalho. Os amigos e familiares que nos apoiaram em todo o curso do projeto.